

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GISELE FERREIRA DE SOUZA
MAGNA MATTOS CRUZ

REDES DE INTERDEPENDÊNCIAS ENTRE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA
ESCOLAR E A POLÍTICA LOCAL: AS AÇÕES VISÍVEIS E INVISÍVEIS

CURITIBA
2014

GISELE FERREIRA DE SOUZA
MAGNA MATTOS CRUZ

REDES DE INTERDEPENDÊNCIAS ENTRE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA
ESCOLAR E A POLÍTICA LOCAL: AS AÇÕES VISÍVEIS E INVISÍVEIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciado em Pedagogia no curso de Pedagogia
do Setor de Educação da Universidade Federal do
Paraná.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Valéria Milena Röhrich
Ferreira

CURITIBA
2014

TERMO DE APROVAÇÃO

**GISELE FERREIRA DE SOUZA
MAGNA MATTOS CRUZ**

**REDES DE INTERDEPENDÊNCIAS ENTRE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA
ESCOLAR E A POLÍTICA LOCAL: AS AÇÕES VISÍVEIS E INVISÍVEIS**

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia no curso de Pedagogia do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Valéria Milena Röhrich Ferreira
Orientadora – Departamento de Planejamento e Administração Escolar – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. João Paulo Pooli
Departamento de Planejamento e Administração Escolar - Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 26 de novembro de 2014.

AGRADECIMENTOS

A todos que de alguma maneira contribuíram para a realização deste Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia.

Em especial a nossa orientadora Profa. Dra. Valéria Milena Röhrich Ferreira, que é exemplo de profissionalismo e dedicação com seus orientandos. Quando achávamos que os fios deste estudo estavam se desmanchando e “embolando”, ela pacientemente e de forma eficaz sugeria outras formas de costurar e começar de novo. Por essa profissional e amiga, vimos que valeu a pena ser graduada pelo Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Obrigada Profa. Dra. Valéria Milena Röhrich Ferreira.

*Os espelhos estão cheios de gente.
Os invisíveis nos vêem.
Os esquecidos se lembram de nós.
Quando nos vemos, os vemos.
Quando nos vamos, se vão?*

Eduardo Galeano

RESUMO

Este estudo tem como temática a rede de relações entre uma instituição pública escolar e a política local, representada por uma família histórica da cidade de Curitiba. O local da pesquisa foi a Escola Municipal Pedro Vêneto e a comunidade de seu entorno, localizada no bairro Cravo. O objetivo da pesquisa foi identificar como foram construídas redes de relações entre os sujeitos da instituição pública escolar e membros da família Vêneto. Para isso, como metodologia, utilizamos Norbert Elias a partir dos conceitos de configurações sociais, redes de interdependências e relações de poder, o que permitiu buscar nas estruturas sociais e históricas desenvolvidas entre instituições e sujeitos, uma rede de forças e ações.

A pesquisa foi qualitativa a partir de análise de documentos históricos e escolares. As entrevistas foram semi-estruturadas entre os sujeitos pertinentes a pesquisa. Considera-se que a Escola Municipal Pedro Vêneto em sua trajetória histórica e escolar no bairro Cravo mostrou-se relacionada a um contexto de projeto de política de educação do Estado e de um projeto de política local representada pela família Vêneto. Foi observada uma subcultura da escola estudada, de práticas políticas do tipo clientelistas que se consolidaram ao longo do tempo. Atualmente se encontram resquícios destas práticas com políticos locais. A escola é espaço pelo qual perpassam instituições sociais, ONGs, empresas privadas e sujeitos locais.

Palavras-Chave: Escola; Bairro; Clientelismo; Política local; Norbert Elias

ABSTRACT

This study presents as subject a network of relations between a scholar public institution and a local school politics, represented by a traditional family of the city of Curitiba. The research site was the Vêneto Pedro Municipal School and its surrounding community, located in Cravo community. The research objective was to identify how networks of relationships between this the public institution subjects and members of Vêneto family were built. For methodology purposes, we relied on Norbert Elias concepts of social settings, networks of interdependence and power relations. These concepts conduct the research towards the investigation of the social and historical structures developed between institutions and individuals, thus a network of forces and actions.

The qualitative research was based on an analysis of historical documents of the school and semi-structured interviews with relevant subjects for the research. In conclusion, we have found that Municipal School Pedro Vêneto, along with its historical and educational trajectory at Cravo community, was related to a project context of an education policy led by the State, and was also part of a local policy draft represented by Vêneto family. We observed a subculture within the school practices characterized as patronage type. We found that culture have been consolidated over time. Currently they are remnants of these practices with the local politicians activity. The school represents a space where political forces and actions take place, and where underlies social institutions, NGOs, private companies and local individuals.

Key-words: School; Neighborhood; Clientelism; Local Politics; Norbert Elias.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 CAPÍTULO I – REDES DE INTERDEPENDÊNCIAS: BAIRRO - ESCOLA	14
2.1 Relações e Interdependências em Norbert Elias.....	14
2.2 Famílias Históricas – Bairro.....	17
2.2.1 A família Vêneto.....	20
3 CAPÍTULO II – A ESCOLA PEDRO VÊNETO	32
3.1 A história passada e presente.....	32
3.2 As redes de interdependências da escola.....	39
3.3 Clientelismo e Patrimonialismo.....	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

O caminho se faz ao andar. Para dar resposta a essas perguntas é necessário indagar e investigar. Refletir e contrastar. Escrever e esperar. Esperar que o pensamento amadureça e esperar as respostas de outros. Nunca o silêncio.

Antonio Viñao Frago

O que é o ser? Somos individuais ou sociais? O conceito de identidade humana é relacionado a um processo, segundo Norbert Elias. Existimos na relação com os outros, numa estrutura específica de sociedade.

Nossa marca, a marca da humanidade, é a história de toda a rede de relações humanas em que crescemos e vivemos. Nascemos numa sociedade de indivíduos relacionais, em que a formação individual depende da evolução histórica e social na estrutura das relações humanas. Ao nascermos somos diferentes uns dos outros em nossa constituição natural, mas é através das redes de relações presentes na sociedade que a criança se desenvolve num ser mais complexo e individualizado.

A indissociabilidade entre ser individual e ser social é premissa básica para Norbert Elias (1994) e para este estudo. O trabalho se propõe a investigar e identificar redes de relações existentes entre uma escola pública municipal na cidade de Curitiba, a comunidade ao redor da escola e a política local do bairro Cravo, representada pela família Vêneto, família histórica¹ da região.

Para isso, buscamos nas estruturas sociais e históricas desenvolvidas entre instituições e sujeitos, em suas relações de dependências e interdependências movimentando-se por suas funções e configurações sociais, os fios e teias que irão construir esta rede específica de forças, ações, tensões e relações de poder nesta estrutura.

A investigação foi realizada na Escola Municipal Pedro Vêneto, a primeira instituição pública escolar fundada na década de 1920 no povoado do Cravo, na cidade de Curitiba. Durante seu processo de desenvolvimento

¹ O conceito de família histórica será trabalhado no capítulo I item 2.2

histórico até os dias atuais, passando pelo processo de municipalização e construção de uma nova escola em 1999, foi permeada por relações políticas e simbólicas com a família Vêneto. Esta família se configura como tradicional no bairro, já que é composta pela primeira geração de imigrantes italianos que ali chegaram e atuou efetivamente no meio político e social da comunidade, do bairro e da cidade de Curitiba.

O campo de investigação do bairro Cravo e da Escola Municipal Pedro Vêneto é conhecido por uma das pesquisadoras devido a vivência pessoal como moradora do bairro e ainda pelas atividades diversas realizadas durante vários anos (1998-2003) na comunidade. Tal fato permitiu um acesso mais fácil a instituição e aos sujeitos da escola. As experiências adquiridas na participação do ambiente da escola estudada permitiram uma economia de recursos e tempo e podem ser aproveitadas como exploração preliminar no campo (PEREIRA, 1976).

A escolha da família Vêneto para a análise da relação entre uma escola pública e a política local, mostrou-se pertinente, pois observou-se uma efetiva relação da instituição escolar com membros da família Vêneto, relação esta que pôde ser observada já de início a partir de observação e dados preliminares fornecidos pelos moradores do bairro, como: a doação do terreno para a construção da escola pela família Vêneto, participação dos sujeitos da família em eventos escolares, placas simbólicas da família na entrada da escola, cartões de felicitação que eram enviados pelo vereador da Câmara Municipal de Curitiba, Manoel Vêneto aos alunos da Escola Municipal Pedro Vêneto nas residências e presença de pais no escritório político do vereador no bairro.

Diante deste contexto, busca-se identificar o seguinte problema de pesquisa, desmembrado nas seguintes questões: *como foi formada uma rede de relações da instituição pública escolar com “Os Vêneto”*. *Quais são as redes de relações entre uma escola pública e a política local de um bairro? Como tais relações são produzidas e por meio de que mecanismos internos da escola os sujeitos da instituição pública escolar constroem essa relação?*

Nesse sentido, outras perguntas norteadoras podem somar-se ao problema de pesquisa acima explicitado. De que maneira os profissionais de

educação da escola municipal interagiram ou afastaram-se desta rede de relações? Como tais relações sociais e políticas se estabeleceram e evidenciaram uma configuração específica entre sujeitos, espaços e tempos históricos da escola com a trajetória de uma família dominante na área política e simbólica no bairro Cravo, na cidade de Curitiba?

O objetivo geral da pesquisa é identificar e problematizar as redes de relações que se estabeleceram e/ou que ainda se mantém entre a Escola Municipal Pedro Vêneto, representada por profissionais da educação e a política local expressa por sujeitos da família Vêneto. Tais redes de relações se constituíram por meio de relações sociais e interações, impregnadas, portanto, de relações de poder e hierarquias entre estes sujeitos, que precisaram ser investigadas.

Como objetivos específicos destacam-se:

- Mapear “parcerias” da instituição escolar com organizações, instituições e empresas, de ordem política, econômica e religiosa do bairro.
- Conhecer aspectos históricos e culturais do bairro Cravo a partir de análise de documentos, fotos e entrevistas com moradores da comunidade.
- Coletar, por meio de entrevistas semi-estruturadas os relatos de funcionários da escola e sujeitos da comunidade de seu entorno, sobre a relação entre a família Vêneto e a instituição escolar.
- Verificar se há interferências de políticos locais do bairro, ou mesmo da cidade de Curitiba, no cotidiano escolar e que tipos de relações esses políticos estabelecem com a escola.

Para isso, iniciamos conhecendo aspectos históricos e culturais do bairro Cravo pesquisando fontes históricas do bairro e da escola estudada. Paralelamente foram feitas entrevistas com alguns profissionais da escola, pais e moradores que interagem ou já interagiram nas redes de relações com a escola e com a família Vêneto.

Sobre a metodologia, a pesquisa é predominantemente qualitativa e concentrou-se em entrevistas semi-estruturadas, seguindo um roteiro elaborado por blocos temáticos: função e perfil do entrevistado, escola, famílias

históricas do bairro, comunidade e política local. Os sujeitos da entrevista, em número de 10 foram: seis profissionais de educação entre professores, pedagogo e vice-diretora, antigos na escola como atuais, três moradores do bairro (dois pais e uma das três primeiras professoras da escola) e um padre da paróquia local². As perguntas foram dando liberdade ao entrevistado de discorrer sobre a temática da pergunta e o tempo que precisasse. O tempo das entrevistas seguiu a média de uma hora e foram todas presenciais.

Como se realiza cada vez de maneira exclusiva, seja com indivíduos ou com grupos, a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.34).

Na análise documental as fontes da instituição escolar foram as atas de reuniões do Conselho Escolar, atas da Associação de Pais, Professores e Funcionários, livro de avisos, fotografias e documentos históricos, averiguamos também veículos jornalísticos de bairro³, redes sociais (facebook da escola, de políticos e blog de membros da família Vêneto), o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), instituto oficial do município de Curitiba. A análise documental na pesquisa evidenciou uma série de informações da história da escola e do bairro em histórias igualmente semelhantes e fragmentadas.

Como as entrevistas com membros da comunidade e profissionais da educação da escola pesquisada comprovaram em muitos aspectos a distinção entre os relatos dos entrevistados e fatos averiguados e comprovados, a pesquisa histórica com fontes científicas se mostrou necessária.

As fontes averiguadas na escola foram: um álbum que continham recortes de jornais, fotografias e documentos históricos, como da fundação e da municipalização da escola. As atas as quais tivemos acesso foram as do

² Para não comprometer as fontes de informações, os nomes dos entrevistados, o nome do bairro, da escola e das demais pessoas envolvidas na pesquisa foram substituídos por nomes fictícios.

³ Opinião Curitiba, Folha do Coqueiro.

Conselho Escolar dos anos de 2013 e 2014, a ata da Associação de Pais, Professores e Funcionários (APPF) do ano de 2006 à 2011, anterior a 2006 não foram encontradas atas pelos profissionais da escola. A escola também possui um Livro de Avisos, de 2000 à 2014, em que são feitas anotações sobre os dias de reuniões pedagógicas, eventos, hora atividade, convocação para assembléias, entre outros. Neste livro de avisos, por não ser considerado uma ata, uma escrituração formal, este se mostrou com informações bastante substanciais para a pesquisa, em que as escritas eram mais informais, deixando transparecer as informações cotidianas que também precisaríamos.

Sobre os referenciais teóricos, o estudo se concentrou em conceitos de Norbert Elias dentro os quais: redes de interdependências, relações de poder e no modelo de estudo configuracional. Para o autor,

Modelos e resultados de pesquisa de configurações são parte de um processo, de um campo crescente de investigação, à luz de cujo desenvolvimento estão eles mesmos sujeitos a revisões, críticas e aperfeiçoamentos, fruto de novas investigações. (ELIAS, 2000, p. 57).

A perspectiva de análise se baseou também na sociologia política em conceitos como: classe dominante imigrante, clientelismo e famílias históricas. Embora o estudo seja sociológico e do campo da educação, a utilização de fontes históricas foi necessária para o desenvolvimento da pesquisa, pois, segundo Ragazzini (2001, p. 14) “A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada.” Dessa forma, ao reconhecer as fontes a partir das diversas relações entre passado e presente as fontes tornam-se vestígios, respostas, caminhos para a construção de significados do pesquisador.

Temos por hipótese que as redes de interdependências e mediações entre a Escola Municipal Pedro Vêneto e a política local, representada pela família Vêneto, podem ser caracterizadas em muitos aspectos por práticas políticas do tipo clientelista ao longo dos anos da escola. Isto contribuiria para um retrocesso nas políticas de democratização da gestão na escola, naturalizando, ampliando e mesmo ensinando a familiares e comunidade uma visão clientelista das instituições sociais e da política brasileira.

2 CAPÍTULO I – NORBERT ELIAS E O CONCEITO DE REDES

2.1 RELAÇÕES E INTERDEPENDÊNCIAS

Todos sabem o que se pretende dizer quando se usa a palavra 'sociedade' ou pelo menos todos pensam saber. A palavra é passada de uma geração a outra como uma moeda cujo valor fosse conhecido e cujo conteúdo já não precisasse ser testado. Quando uma pessoa diz 'sociedade' e outra a escuta, elas se entendem sem dificuldades. Mas será que realmente entendemos? (ELIAS, 1994, p. 63).

A sociedade é formada por diversos indivíduos, em cada contexto há diferentes tipos de sociedades. Essas sociedades só existem e funcionam devido a ação de um grande número de pessoas, dentro de uma rede de funções individuais e interdependentes. Essa rede de funções é a sociedade. (ELIAS, 1994).

Segundo Elias, as singularidades das relações entre os indivíduos, suas ações e funções sociais que exercem em específicas sociedades, são construídas por uma rede de relações dinâmicas e interdependentes que formam estruturas de ações e tensões que cada pessoa exerce para com outras, um indivíduo para outros indivíduos, dependendo uns dos outros e formando cadeias de atos numa rede de relações interdependentes. Segundo o autor:

Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos fortes. E é essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais que chamamos de sociedade. Ela representa um tipo especial de esfera. Suas estruturas são o que denominamos "estruturas sociais". (ELIAS, 1994, p.23).

Para Norbert Elias, o indivíduo se constrói historicamente na relação com os outros, a marca individual da pessoa se dá por meio da história dessas relações. A individualidade, a estrutura do autocontrole consciente e inconsciente do indivíduo constitui para o autor um produto reticular que se

forma na interação contínua de relacionamentos com outras pessoas e sua forma individual é específica de cada sociedade (ELIAS, 1994).

O indivíduo só se desenvolve na relação e interação com os outros, de uma forma contínua e muitas vezes não intencional, formando estruturas de ações: sociais, políticas, culturais, comportamentais, valorativas. Elias entende o indivíduo como parte de um espaço-tempo social, inserido em tempos e espaços singulares, relacionando-se com os outros, produzindo os diferentes modos de organização das sociedades e diferentes relações sociais, econômicas, políticas e culturais.

Sendo assim, a sociedade é uma rede de indivíduos relacionais, em que cada um possui uma posição singular na sua rede de relações, para tal, os conceitos de Elias servem para a compreensão do indivíduo na relação em sociedade, com seus grupos específicos. Neste sentido, qual a função que a família Vêneto ocupa na rede de relações da Escola Municipal Pedro Vêneto?

Há de se analisar que tais redes de interdependências entre a instituição escolar aqui representada por alguns profissionais da escola, e os “Vêneto”, caracterizado como grupo social, político e histórico no bairro do Cravo, configurariam-se como um “modelo” político de poder nos espaços em que vêm atuando⁴. Essa rede de relações foi tornando-se transparente a medida que os relatos dos sujeitos pertinentes à pesquisa foram acontecendo, como por exemplo, em entrevista⁵ com uma profissional da educação, quando questionada sobre como foi resolvido o problema do caixa da APPF que na época estava sem recursos⁶ respondeu, *“fomos atrás da família Vêneto, pra ver o que eles poderiam ajudar a gente”*, fato acontecido em 2009 e relatado por uma profissional da educação.

A concepção sociológica de Elias insere os sujeitos em uma rede de relações de interdependências, formando configurações sociais de diferentes tipos em específicas sociedades: tribos, famílias, escolas, estados, etc.

⁴ Obs.: A família vem perdendo espaço a partir de 2012, quando da saída de Manoel Vêneto (quarta geração da família), da presidência da Câmara Municipal de Curitiba, por irregularidades nos contratos de publicidade do Legislativo Municipal, pedindo desfiliação do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e perda do mandato e da visibilidade na vida política.

⁵ Entrevista com profissional da educação da Escola Municipal Pedro Vêneto.

⁶ A APPF ficou com dificuldades financeiras, devido a má gestão da Associação no ano anterior.

De acordo com Elias, compreender o processo configuracional dos indivíduos nos diferentes espaços sócio-históricos, é constituir um estudo baseado no indivíduo social, indissociável da dinâmica da sociedade em que está inserido. O indivíduo estabelece relações com a sociedade, no contexto histórico, geográfico e relacional com os grupos.

A abordagem eliasiana possibilita visualizar e entender como uma configuração específica social vai sendo construída e mantida durante certos períodos e espaços que, para o autor, são as regularidades sociais. Nesse sentido podemos compreender como foi construída a configuração específica formada pela escola, comunidade e política local, e como as funções dos diferentes componentes dessa trama moldaram a estrutura dessa rede de relações.

A apreensão dos fatos nas sociedades, os fenômenos e aspectos em que esta é mostrada na realidade é compreendida a partir do indivíduo social, na historicidade do espaço e de seu tempo, em sua rede de relações de interdependência, nas tramas e relações de poder. Segundo Norbert Elias,

A partir do estudo do processo civilizador, evidenciou-se com bastante clareza a que ponto a modelagem geral, e portanto a formação individual de cada pessoa, depende da evolução histórica do padrão social, da estrutura das relações humanas. Os avanços da individualização, como na Renascença, por exemplo, não foram consequência de uma súbita mutação em pessoas isoladas, ou da concepção fortuita de um número especialmente elevado de pessoas talentosas; foram eventos sociais, consequência de uma desarticulação de velhos grupos ou de uma mudança na posição social do artista-artesão, por exemplo. Em suma, foram consequências de uma reestruturação específica das relações humanas. (ELIAS, 1994, p.28-29).

A abordagem reticular de Elias significa pensar o fenômeno e o indivíduo em termos de relações e funções, de sujeitos em relação mútua que se moldam e se remodelam. A mobilidade destas relações deve ser compreendida em rede e em contínuo movimento. Esta abordagem constitui a trama e a totalidade das redes.

2.2 FAMÍLIAS HISTÓRICAS – BAIRRO

A história de um bairro, com segmentos ou grupos sociais específicos, não pode ser entendida como um fato isolado, mas como parte de uma rede de relações que se repetem em circunstâncias históricas e interagem na dinâmica vigente da sociedade. (CRUZ, 2003).

Neste item faremos um breve histórico da formação do bairro Cravo, na cidade de Curitiba e das famílias que ali chegaram e se consolidaram, entrelaçadas nesta rede de relações do bairro.

A trajetória da formação do bairro Cravo perpassa por genealogias de famílias nativas e famílias de imigrantes europeus que se mostram nos nomes da maioria das ruas do Cravo, como exemplo: a Rua Pedro Vêneto (a principal do bairro), Rua Antônio Rebellato, Rua Catarina Gabardo, Rua Elísio Gabardo, Rua Lourenço Vêneto, Rua Clara Vêneto, Rua José Brum, Rua Hermínia Zanetti, Rua Aníbal Requião, entre outras.

O bairro do Cravo recebeu uma pequena parcela de imigrantes europeus, que chegavam ao povoado com a notícia de que estavam sendo vendidos lotes da Fazenda Coqueiro, escolheram a região mais próxima ao Capão do Cravo por ser mais seco, alto e distantes dos rios Iguaçu e Belém, Dentre as famílias que chegavam tem-se: Slaviero, Vêneto, Zannetti, Dal’Gobbo, Cortiano, Lázaro, Moro Redeschi, Lissa, Rebellato, Parolim, Guzzo, Dalagassa e Brum que, junto com a população local formaram as relações e condições sociais, políticas e econômicas do bairro.

As famílias de imigrantes vieram para o país por políticas de Estado de desenvolvimento e modernização do Brasil, como também de contribuição desse grupo social de branquear o perfil étnico da população brasileira. A imigração européia foi consolidada em três fases no Paraná. A primeira fase foi de alemães entre 1820 e 1850 que ocuparam as regiões florestais entre o litoral, a segunda fase foi um modelo de implantação caracterizado pela localização de colônias em lugares relativamente desabitados e a terceira fase caracterizada pela formação de colônias ao redor de Curitiba (OLIVEIRA, 2001). O estabelecimento destas colônias ao redor de Curitiba foi uma política

local de Estado para o abastecimento de hortifrutigranjeiros e leiterias para a região central da cidade.

Dessa configuração social e econômica, as famílias dos imigrantes acabaram por ter um tipo de caracterização não específica, pois fazem parte do processo amplo da formação histórica brasileira, mas foram marcadas por uma tipologia diferenciada e significativa na cultura histórica, política e econômica paranaense (CRUZ, 2003). Segundo Martins, historiador tradicional e oficial da cidade de Curitiba,

A população de Comarca de Curitiba quando pertencente à Capitania e depois à Província de São Paulo, até 1853 era constituída de reinos portugueses e castelhanos, índios guaranis administrados, negros africanos escravizados e de descendentes e mestiços dessas três raças elaboradas da nossa história. Instalada a Província, porém, foram encaminhadas para o Paraná relativamente numerosas levas de colonos de várias etnias da Europa Central e Oriental. De 1853 a 1866, em 13 anos, foram localizados 20.170 imigrantes entrados e localizados no Paraná em 1887 a 1888. Mas de 1889 a 1906, quando se fundaram novas colônias em Campo Largo, São José dos Pinhais, Bocaiúva, Rio Negro, Palmeira, margem direita do Iguaçu e Porto União, entraram 42.993 imigrantes. (MARTINS, 1995, p. 350-351).

O caminho percorrido por esses grupos sociais da cidade de Curitiba são essenciais para se compreender a história do bairro, das instituições e dos sujeitos da comunidade em torno da instituição escolar pesquisada. Segundo fontes oficiais do Instituto do Planejamento Urbano da Cidade de Curitiba,

O povoamento em torno do antigo caminho que ligava Curitiba a São José dos Pinhais, a atual Rua Pedro Vêneto, deu origem ao bairro Cravo. A população inicial de índios e caboclos começou a diversificar-se no início do século com a chegada de sucessivos grupos de imigrantes italianos, alemães (menonitas), poloneses, etc. Na divisa entre o povoado e a fazenda Coqueiro existia uma porteira cujo batedor era um Cravo, o que, associado ao fato de as terras serem demarcadas com valas plantadas de cravo, determinou o nome que o bairro conserva até hoje. (Histórico dos bairros em números – IPPUC).

Assim o bairro Cravo cresceu em torno da Rua Pedro Vêneto (rua principal do bairro), antigo caminho que ligava Curitiba a região atual de São José dos Pinhais.

A referência mais antiga às terras é um registro de propriedade, datada de 1856, em nome do coronel Florêncio Antônio Moreira, pai do Major Teodoro Moreira, filho do Sargento-Mor Petrônio José Moreira e de Maria Caetana de Jesus e avô José Moreira, vindo de Braga, Portugal em companhia de sua esposa Tereza Araújo, foi o primeiro membro a aportar no Brasil, possui uma fazenda de criar no lugar Coqueiro, bairro Tatuquara, por herança e compra, cujos campos terão extensão meia légua mais ou menos, principiando nas divisas de um valo na estrada junto ao Capão do Cravo, por descendo por um banhado ao rio Iguaçu....” (TERRAS, Registro 998, livro 01, p.03 – Curitiba, 10 de maio de 1856). Esta referência de terras na região do Cravo, também fornece as primeiras referências de famílias lusitanas que formaram a base das classes proprietárias de terras na região.

A localidade do bairro Coqueiro está ligada em muitas circunstâncias às do bairro do Cravo e Hauer, pois originalmente esses bairros delimitavam ao redor da fazenda Coqueiro e estas fronteiras se entrecruzavam.

A fazenda Coqueiro está marcada nas raízes agrárias do bairro e, da escola como parte deste espaço. As famílias mais antigas e documentos oficiais vinculam a constituição do bairro e a participação destas famílias na história da região.

Durante muitas décadas, a fazenda de mil alqueires pertenceu a família do Coronel Florêncio Antônio Moreira, mas após sua morte em 1885 a fazenda passou para seus filhos. Um deles vendeu as terras para Vitor Ferreira do Amaral e seu genro Alexandre Gutierrez, em 1910.

Em 1933, as famílias Amaral e Gutierrez, que até então usaram a fazenda para passar férias, fundaram a Companhia Territorial Coqueiro, que foi responsável pelo loteamento da fazenda, que teve início em 1934, quando a Fazenda Boqueirão foi desmembrada e foram vendidos os primeiros lotes.

Passadas algumas décadas, o relato⁷ de uma das primeiras moradoras do bairro, evidencia bem esse período.

⁷ Entrevista realizada em 18/06/14, com uma das professoras antigas e moradora do bairro, atualmente está com 85 anos de idade. Foi indicada para a entrevista por um padre da paróquia como uma das primeiras moradoras do bairro.

A comunidade era bem pequena com poucas casas, dava pra contar as casas, umas cinco...os Gabardos, os Vêneto, a comunidade tinha vaca de leite, verduras...as famílias que moravam aqui dava pra contar...D^a Clementina, a do falecido Pedro Vêneto, do Joel Vêneto, do japonês, D^a Catarina...da família Gabardo, os Vêneto, era o que tinha aqui...

A fala desta moradora antiga do bairro na entrevista que concedeu no espaço da igreja, demonstrava a todo momento a referência por tais e tais famílias e o locais onde residiam.

Assim, o bairro Cravo tem moradores nativos, imigrantes italianos, alemães, proprietários de amplas residências e grandes terrenos no bairro. Além disso, há moradores que originalmente invadiram seus terrenos, mas que, aos poucos tiveram suas áreas valorizadas e melhoraram de situação na geografia do bairro. Há também os novos moradores vindos de fora.

Segundo Elias (1994, p. 21), “A ordem invisível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento possíveis.” Entende-se que a história do bairro, e da escola como parte deste, foi combinada às histórias das primeiras famílias do bairro, dessa forma não é possível desvincular a constituição do bairro da participação de todas estas famílias na história do bairro.

2.2.1 A FAMÍLIA VÊNETO

Entre os problemas centrais figura aquele referente às distinções do valor atribuído, nessas redes comunais de famílias, a cada uma das famílias. Invariavelmente, algumas famílias ou talvez grupos delas em uma mesma comunidade, tão logo são ligadas umas às outras pelos fios invisíveis da vizinhança, passam a se ver e a ser vistas pelos outros como “melhores” ou, alternativamente, como “menos agradáveis”, “menos boas”, “menos dignas” ou seja qual for a denominação que se use. (ELIAS, 2000, p. 166).

As famílias imigrantes no bairro Cravo constituíram inicialmente um conjunto de famílias, em que a maioria deste grupo social de imigrantes era

unida pelas mesmas necessidades sociais, econômicas e culturais e que teve aspectos específicos na formação do bairro.

O aspecto de comunidade se traduz em alguns elementos desta formação. As relações entre as primeiras famílias de imigrantes italianos que se estabeleceram no bairro foram tomando um corpo coeso a medida que as necessidades diárias de provento foram aparecendo, segundo relatos de moradores antigos do bairro.

O sentido de coesão diz respeito as primeiras necessidades, não que não existissem tensões e conflitos entre as famílias: ter a posse da terra para subsistência e aos poucos abastecendo a região local e a região central da cidade, o aprendizado da língua e a necessidade de uma escola, neste caso específico a construção da primeira escola do bairro. A fé representada pela paróquia São Sebastião, a cultura e o lazer representados pela Sociedade 15 de Novembro e o Clube de esportes posteriormente, todos os espaços ao longo dos anos sendo doados pela família Vêneto.

Estes fatos contribuíram para o reconhecimento dos membros da família Vêneto e de seus primeiros patriarcas, Antônio Vêneto e Pedro Vêneto como os pioneiros da comunidade e posteriormente “os Vêneto” do bairro, uma forma de status para essa família dentre as outras que também se fixaram no bairro.

Segundo Marcos Vêneto⁸, ao contar a história de sua família, o isolamento nos primeiros anos de loteamento, devido à falta de transporte e a dificuldade de acesso ao centro de Curitiba, criou um sentimento de coletividade e de pertinência ao lugar, havia harmonia entre as famílias que ali se instalaram, a maioria das famílias cooperava e queria a melhoria para o bairro, *“Pedir azeite ao vizinho era comum.”* Marcos Vêneto lembra que seu pai, Pedro Vêneto, *“la muitas vezes a Prefeitura para tentar que a luz chegasse até aquela região”*.

Para analisar tais questões, Oliveira (2001) utiliza o conceito de classe dominante, classe dominante imigrante, como também de grupos superiores. Pode-se pensar em grupos de famílias que formaram estas estruturas e não

⁸ Marcos Vêneto é filho de Pedro Vêneto e neto de Antônio Vêneto, um dos primeiros imigrantes italianos a chegar ao Brasil no final do século XIX. Entrevista 12 de junho de 2002. In Cruz, Histórias, Fronteiras e Famílias: O bairro na história da cidade, 2003.

apenas em grupos de indivíduos. Segundo o autor, a dinâmica de tais grupos viabiliza a organização do progresso da sociedade e da economia. (idem, p.349). A base social da classe dominante e do Estado na formação brasileira foram as famílias históricas da classe dominante em que a origem foi portuguesa⁹, entretanto pode-se pensar que esse processo de formação na composição das classes no Brasil não teve uma só via ou um só grupo único lusitano e regionalmente dominante.

No Paraná tais perfis foram se moldando ao contexto que o Estado propunha na modernização brasileira. Não só este processo de desenvolvimento que estava no foco do Estado, como também a vinda dos imigrantes que viria com a mudança que iria integrar um circuito de abastecimento e pequena produção mercantil para transformar também o perfil étnico, social e econômico de Curitiba.

A história da imigração europeia no Paraná foi possível, dentre outros elementos, pela economia ervateira e pela crise do processo da escravidão paranaense¹⁰. O estabelecimento destas colônias ao redor de Curitiba foi uma política local de Estado. Para Oliveira (2001) a intensificação do fluxo de imigrantes e seu estabelecimento fez surgir a categoria social burguesia imigrante.

Algumas famílias se destacaram por possuir experiências e conhecimentos técnicos, como exemplo os Mueller, os Hauer, os Essenfelder, os Todeschini, os Bettega, entre outros. Tais famílias foram destaque em áreas têxteis, alimentícias e comerciais.

A trajetória histórica e política da família Vêneto está em muitos aspectos ligada a trajetória do bairro Cravo. O nome da família é visível em suas ruas pelo bairro e em lojas comerciais, empresas e instituição social, desde lavanderias, clínicas médicas, postos de gasolina, loja de carro, auto-peças, roupas e mercadinhos.

⁹ A base do Estado brasileiro representa um grupo étnico luso-brasileiro que veio se formando a partir do séc. XVI.

¹⁰ Na década de 1860, os cafezais da província de São Paulo atraem escravos do Paraná, para onde são vendidos e a erva-mate oferecia condições de renda para a maior parte da população livre. (Oliveira, 2001, p.123)

Sabe-se também que nem todos os grupos sociais étnicos que chegaram a cidade de Curitiba em diferentes momentos tornaram-se grupos socialmente dominantes. O que suscita a pergunta então é como tais grupos de famílias permaneceram localmente e regionalmente “dominantes” em alguns espaços locais? Como se mantiveram a frente de “conquistas” para o bairro?

A fala abaixo é de um pai e morador há 30 anos no bairro,

Eu estou aqui só a 30 anos no bairro, o Vêneto já era o pai [refere-se ao Sr. Marcos e não ao filho Manoel Vêneto, vereador cassado]....inicialmente era área dos Canet, eles tem tudo de posse e invasão. [fazendo referência aos Vêneto]. A Recanto Verde era um manancial, era só invasão...

O espaço dito acima como Recanto Verde, é uma área de lazer da família Vêneto, que mereceu destaque e apareceu em muitos momentos da pesquisa, como um espaço que é um dos “fios” que costuram o estudo.

A Recanto Verde é considerada entre os moradores como também entre os legisladores de Curitiba, como o reduto político da família Vêneto. A chácara pertencente a família há mais de 120 anos. Segundo Manoel Vêneto “é lugar de lazer para churrasco, futebol e cervejinha de vez em quando”. Esta entrevista do vereador, na época em exercício, dada em 02/06/11 para o UOL, aparece em uma reportagem em que se indaga o vereador sobre o fato da rua de sua chácara ter sido contemplada com obras de 6,1 milhões. Para os moradores é o lugar onde a família reúne grupos de pessoas, correligionários em épocas de eleições para comer o famoso risoto do Sr. Marcos Vêneto. Abaixo a fala de uma profissional escola,

Na chácara dele que nós pagamos [a escola vendeu convites para arrecadar recursos, o resto a família deu: espaço, comida..], foi lá...é o mínimo que ele tem que fazer...o escritório político, algumas pessoas usavam, eu não sei [pausa] as professoras...acho que era mais questão de prendas, de espaços, na Recanto Verde eu fui umas duas, três vezes, pra festa do dia do professor, festa junina. Ele [Manoel Vêneto] não ia, mas deixava a equipe dele. (03/09/14)

Já o espaço físico da escola se situa na Rua Pedro Vêneto, n 105, mas os arranjos sociais e espaciais da instituição escolar parecem se ampliar para

outros contextos, como explica o padre da paróquia, “*As vezes a escola usa o bosque aqui...e o pátio para o curso da guarda-mirim*” (até 2012).

Os membros da família Vêneto vão se situando no bairro inicialmente adquirindo terrenos e mais tarde doando e emprestando seus espaços a instituições e locando ou vendendo para empresas. Ou ainda,

O seu Marcos tinha uma gráfica nos fundos da casa dele, só pra ficar fazendo faixa em obras, quando ele via alguma coisa, obra..., ele corria e botava as faixas dele. Parecia que tudo era feito por ele, mas ele só fazia a faixa, [risos], eles estão sempre do lado do prefeito, os Vêneto estão lá. (02/09/2014).

Este fato foi confirmado por relatos de mães que faixas fixadas na escola tinham gravado o escrito “apoio do vereador Vêneto” para divulgação dos cursos de Educação Permanente, cursos que as escolas oferecem à comunidade no período noturno (inglês, ballet, informática e futsal), como também a gravação dos troféus do futsal que são doados pela família.

Segundo Oliveira (2001) a tendência política das classes dominantes que se formaram no Paraná seguiram uma política de arranjos com os poderes executivos e as características de tal classe se fundamentam em controle de propriedades e da produção social, como uma classe dominante que em algum momento poderá ser o grupo politicamente dominante.

De acordo com Oliveira (2001) famílias históricas são,

Mecanismos sociais de permanência de velhas estruturas, práticas sociais e estilos de exclusão que são viabilizados mediante de um complexo conjunto de estruturas familiares conectadas ao poder político, aos privilégios e ao controle de várias modalidades de patrimônios e capitais sociais. (2001, p.15).

Para o autor, tais famílias históricas contribuíram na composição da classe dominante paranaense.

Oliveira (2001) destaca em seu estudo de análise das relações entre estrutura de poder e estruturas de parentesco no Paraná que as famílias históricas tem em suas origens a gênese fundiária, fundamentadas na posse de terras. A evolução dessas famílias vem de gerações de membros ocupando

posições econômicas, sociais e políticas de destaque num plano regional e às vezes nacional. Neste sentido,

Obviamente que qualquer indivíduo ou família são seres históricos, independentemente de classe social. O fato é que apenas famílias da classe dominante tradicional construíram, produziram e acumularam uma memória genealógica e política do seu passado inscrita nos discursos genealógicos tradicionais. Famílias escravas, índias e subalternas não deixaram **discursos organizados** sobre sua memória ideológica na mesma maneira que os grupos que conceituamos como as *famílias históricas da classe dominante tradicional*. (Oliveira, 2001, p.62, grifo nosso).

A memória da família Vêneto foi sendo ao longo dos anos organizada e inscrita por meios materiais [doação de terrenos], discursos, documentos diversos, nomes de ruas, onde constam parte da história do patrono da escola Pedro Vêneto.

A imagem a seguir, disposta na entrada da escola municipal também indica uma forma de discurso organizado sobre a família e aponta o pioneirismo da família no bairro, entretanto tal pioneirismo foi questionado por membros de outras famílias mais antigas no bairro. (FOTO 1).

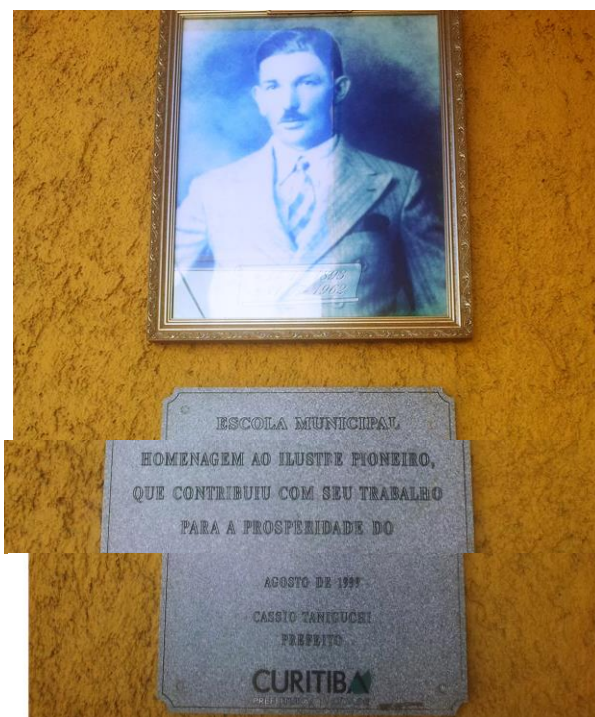


FOTO 1 – PLACA EM HOMENAGEM A PEDRO VÊNETO
FONTE: ESCOLA MUNICIPAL PEDRO VÊNETO

A placa é uma homenagem a Pedro Vêneto (segunda geração da família no Brasil), filho de Antônio Vêneto imigrante italiano que chegou ao Brasil no final do século XIX. Pedro Vêneto nasceu no bairro Cravo, casou com Amália Brum (filha de José Brum), com quem teve quatro filhos, Joel, Paulo, Bruno e Marcos.

Na política, a família Vêneto iniciou a “carreira política” com o Sr. Marcos Vêneto, filho de Pedro Vêneto. O Sr. Marcos Vêneto candidatou-se em 1963 a Câmara de Vereadores de Curitiba, vitorioso iniciou-se então na política¹¹. Depois de 1964, período da ditadura militar no Brasil, os poderes municipais, com exceções, foram entendidos apenas como simples provedores de serviços urbanos. Em 1973 com a lei complementar, Curitiba elaborou sua própria lei orgânica e os municípios garantiram a autonomia constitucionalmente com eleição de vereadores e prefeitos¹².

Manoel Vêneto, filho de Marcos Vêneto é neto de Pedro Vêneto, foi vereador da Câmara Legislativa de Curitiba em seis mandatos, exerceu seu mandato pela primeira vez em 1988 e foi presidente da Câmara entre 1997 e 2012, já estava no 9º mandato como presidente da Câmara quando saiu por irregularidades na gestão e, foi prefeito interino de Curitiba por dez vezes¹³. Sua carreira política bem sucedida era um trunfo simbólico para a família, para o bairro e para a cidade de Curitiba até a perda do mandato em 2012.

A carreira política da família e posteriormente pelo seu último membro da família na legislatura da Câmara da cidade, até então contribuía para a influência, a visibilidade e a possível benevolência que essa função proporcionava nas suas relações com a comunidade e as instituições, concretamente pelo seu escritório político do bairro, na mesma quadra da igreja e da escola. Não que este membro seja o último no sentido de romper com a “carreira” política da família, pois na última eleição sua irmã Josiane Vêneto tentou ingressar na casa legislativa sem êxito.

¹¹ A Câmara Municipal de Curitiba foi criada em 1693 contendo o foro especial de justiça e a administração independente da Coroa.

¹² Fonte CMC – acessado 28/10/14 www.cmc.pr.gov.br/historico.php

¹³Fonte Câmara Municipal de Curitiba: www.cmc.pr.gov.br/galeria.php?ano=2011, acesso em 23/10/2014.

Sem dúvida, dos votos que a filha [do Sr. Marcos Vêneto] teve 2.700 votos e os asfaltos que nunca teve e nunca fez nada. Só apareceu aqui uma vez, numa praça. Ele era presidente da Câmara, ia se meter em bairro? Só via ele nas eleições entregando panfletos...[pausa]...em 2008 em frente ao Jayme Cannet [escola estadual a poucos metros da Escola Municipal Pedro Vêneto], nunca vi a cara dele e diz que é vereador do bairro, nem o Carlos Silveira, que nada...[vereador também com influência política na região sul de Curitiba e já disputou espaços de visibilidade na escola].

O relato acima é de um pai que a todo momento na entrevista, enaltecia a escola municipal como sendo muito boa, mas que não gostava dos “Vêneto” no bairro.

Outros elementos das relações de interdependências que procuramos mostrar foi entre a igreja, instituição social ligada em muitos momentos e espaços a história do bairro, as famílias e a escola. Segundo uma moradora antiga, dentre as iniciativas dos moradores para mudanças no bairro esteve a construção da Igreja São Sebastião¹⁴. No seu relato ela também fala sobre Pedro Vêneto:

Nós trabalhamos muito nessa igreja, cada um pagou um banco, um vitral, a igreja foi feita muito depressa, não foi bem feita, tanto que já pegou fogo uma vez, quando foram derrubar agora, não foi pela antiguidade que derrubamos, mas porque foi feita as pressas e mal feita e era mais barato fazer outra do que remendar. Estava muito perigoso, as vigas... a parte elétrica, teve gente que não gostou. Acho que na nova igreja deveria ter uma foto do Pedro Vêneto e da Nona, porque foram “Os Vêneto” que doaram o terreno, eu achava que deveria por uma imagem deles, eu vou dar essa ideia pro padre Carvalho. (09/2014)

A derrubada da igreja causou situações de tensão em alguns grupos de famílias que contribuíram para a construção da primeira paróquia do bairro, algumas concordavam com a derrubada e outras não, principalmente a família Vêneto. Segundo o padre da igreja, os membros da família não queriam a derrubada total da igreja e reivindicaram os vitrais que possuíam ali. O padre relatou que poderiam pegar a qualquer momento, pois estavam atrás da igreja. A situação de tensão se deu com um membro da família, conforme fala do padre da paróquia:

¹⁴ Quando da derrubada da igreja, encontraram uma cápsula do tempo com recortes de jornais da época (1956), no momento a cápsula está no Arquivo Público do Paraná para tratamento.

Ah! Eles não são dono daqui, todos contribuíram, só porque eles doaram o terreno, doação é doação quando se doa aquele que recebe faz o que quer com a doação e quem doou não fica querendo de volta.

A escola municipal pesquisada também teve em muitos momentos de sua trajetória relações com a instituição igreja que vão ser descritas ao longo do trabalho.

Ao iniciar o estudo, a presença da família na Escola Municipal Pedro Vêneto mostrou-se por meio de relações naturalizadas e pessoais, alguns sujeitos da escola demonstraram familiaridade com seus membros. Manoel Vêneto é chamado de “Manoel”, “o Vêneto” ou “filho do seu Marcos”. Abaixo a fala de uma funcionária quando perguntada sobre a frequência dos políticos na escola,

O pessoal dos Vêneto sempre vinham participar quando tinham alguma coisa, o seu Marcos contava histórias...no tempo da direção X, vinha bastante, depois dos ocorridos não veio mais, o Manoel [ex-vereador] também vinha bastante, mas depois do ocorrido não veio mais...

Uma profissional da escola quando perguntada sobre quem participou do evento do cinquentenário da escola no ano atual (2014) disse,

O Vêneto também, eu só vi ele dentro da escola....ele entrou na sala achando o dono da escola, com aquele ar prepotente que sempre teve, tava com o Beto [Richa, governador de Curitiba], parece que nem queria que as crianças chegassem perto...acho que são iguais a gente, é tudo igual.

A mesma entrevistada conta, ainda sobre o cinquentenário, *“achei que a Prefeitura deveria vir, que era o cinquentenário”*.

Segundo Lenardão (2009), ao buscar ou esperar alguma forma de reconhecimento por parte do político, seja por meio de “visitas”, “ajudas” ou “atenção”, a comunidade escolar sente-se valorizada, protegida e representada pelo político, neste caso acontece também entre os sujeitos de instâncias hierarquizadas da educação.

O aspecto significativo desta rede de relações da escola com a família Vêneto é mostrar como foi se construindo uma forma relacional e entrelaçada

de relações em espaços e tempos ao longo dos anos. Observou-se também em documentos oficiais, como convites são feitos aos profissionais da escola para jantares na Recanto Verde:

Com relação ao dia dos professores, a escola ganhou um jantar na Recanto Verde no dia 15 de outubro às dezenove horas, onde todos os professores e funcionários estão convidados...” (Diário de campo sobre Ata nº 09/2007)

E “homenagem” aos professores:

Conforme informe no recreio o Presidente da Câmara Manoel Vêneto quer prestar uma homenagem aos professores e gostaria do e-mail para mandar uma mensagem. Gostaríamos de saber quais professores estão de acordo em liberar seu endereço de e-mail para receber a mensagem. Marque sim ou não e assine ao lado do seu nome [Lista com nomes dos professores da escola, de 63 apenas 3 não autorizaram]. Obrigada. Atenciosamente a direção. (Diário de campo sobre Aviso nº 14/2009)

A valorização das relações pessoais do político com sujeitos da escola, situação esta que traz pistas sobre a construção de vínculos clientelistas, será comentada no item 3.3 do capítulo II. Esta fala acima, mostra também o contato virtual que o político tem com os sujeitos da escola e que a pesquisa não conseguiu chegar a capturar. Durante a pesquisa foi relatado por pais que em épocas anteriores, cartões de felicitações quando do aniversário de seus filhos, chegavam em suas casas e que não sabiam quem fornecia o endereço dos alunos. Um pai até comentou que poderia ser do posto de saúde, mas também relatou que nem todos os alunos tinham cadastro em postos de saúde da região.

A proximidade do vereador Manoel Vêneto na instituição escolar já esteve bem mais próxima em outros momentos antes da perda de mandato. O prestígio da escola municipal Pedro Vêneto frente a outras escolas da regional do bairro, também é motivo de aspectos reveladores nesta pesquisa e, que atualmente pode também distanciar-se pela quebra e descontinuidade da “carreira” política da família.

As falas abaixo de profissionais de educação da escola municipal explicitam melhor esta relação dos membros da família com a escola, da

doação de um terreno a ações materiais e simbólicas na escola até um previsível afastamento deste grupo familiar.

...fiquei quieta, nossa tá tudo provado, né? Fiquei até preocupada da gente da escola ser mal visto, a gente tava no meio do nome da escola, o bairro inteiro é praticamente dele...tanto que quem veio foi a Josiane [filha do Sr. Marcos Vêneto e irmã do ex-vereador Manoel Vêneto]

Algumas escolas ficaram falando: aí perdeu a boquinha, né? [relação vista por outras escolas como protegida pelos Vêneto].

A política local expressada em ações benevolentes pela família Vêneto esteve presente significativamente com esta família durante muitos anos, mas não podemos perder de vista a dimensão mais ampla que o poder local representado por legisladores atuais em escritórios políticos nos bairros exercem sobre estas instituições e como essas relações vão sendo moldadas e remoldadas pela escola.

Agora o Jeferson, é mais doação de Ação entre amigos...".

Fala de uma profissional da educação sobre como os políticos ajudam a escola. Tal político, atualmente, é o "representante" do bairro Cravo:

Ah..sim...lembrei.... veio só o Jeferson, ele tem que vir...precisa ouvir o que as pessoas querem, ele é do bairro.

Esta fala de um profissional da educação de outra escola do bairro em evento no espaço do Centro Poliesportivo Cravo [terreno doado pela família Vêneto], inaugurado em 2012 e aberto a comunidade, neste dia estava tendo um evento esportivo com todas as escolas da regional de educação.

A gente é que procura eles, quando queremos alguma coisa...
...mas eles também ligam...os assessores é que ligam, olha aqui é do escritório do vereador X, vocês precisam de alguma coisa?

acho que na semana da criança conseguimos ônibus, aí teve um atrito entre os dois...daí a prefeitura forneceu um ônibus por ano, se

você quiser tem que pagar, e o Carlos (outro vereador da região) que forneceu o ônibus, o Vêneto não deu ônibus.

Respostas que foram dadas por uma profissional da educação quando perguntada sobre a presença de políticos na escola o que demonstra que tais relações se efetivam concretamente por meio dessas ações e tensões.

Como a escola se encontra nesta rede? O que demonstra é que ora a escola ocupa uma posição superior e ora ocupa uma postura inferior, ao mesmo tempo que molda também é moldada, dos profissionais de educação da escola municipal perante os políticos locais, exercendo uma função subalternizada.

O modelo de uma relação estabelecidos-*outsiders*¹⁵ pode ser pensada nesta situação da instituição escolar, como as relações de poder se estabeleceram entre estes sujeitos?

Caberia ao se retratar que tais relações foram formadas, consolidadas e estão se perpetuando em outros sujeitos da política local vistos a todo momento como superiores e pertencentes a um espaço que é público? Pensamos que sim, fazendo com que sejam reconhecidos e mantendo interdependências, mais de maneira desigual para os sujeitos da instituição escolar e a da comunidade.

¹⁵ O conceito de estabelecidos e *outsiders* se formou no estudo de Norbert Elias e de Scotson em uma pequena comunidade no interior da Inglaterra. Elias observou que grupos de moradores se dividiam por reconhecimento de serem estabelecidos na comunidade por longa data e outro grupo ser recente e portanto estigmatizado por estes, sendo assim os *outsiders*.

3 CAPÍTULO II – A ESCOLA MUNICIPAL PEDRO VÊNETO

3.1 A HISTÓRIA PASSADA E PRESENTE

A história da Escola Municipal Pedro Vêneto está inscrita em fontes diversas como documentos da escola, jornais do bairro, rede social e relatos da comunidade. Sobre a questão da memória vale lembrar que,

a memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais, entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, regiões..” (Pollak, 1989, p.06)

De acordo com Pollak, (1989) a referência do passado não só serve para manter coeso os grupos e instituições, definindo seu lugar respectivo e sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. Assim, pode-se reconhecer como algumas lembranças se solidificam, se tornam estáveis e duráveis (RANZI, 2001).

Segundo documentos escolares, na década de 1920 originou-se a primeira instituição pública de ensino escolar no povoado do Cravo. A escola iniciou sua história em uma pequena sala cedida pela família Rebelatto¹⁶. Essa sala era localizada próxima da atual BR116, onde funcionou até o ano de 1929.

Já em 1932¹⁷ a então chamada Escola Isolada do Cravo funcionava numa sala de madeira, cedida pela família Dallagassa. Devido a diversos fatores como longa distância, a única professora da escola nesta época, não pode continuar a lecionar nesta escola, ficando os educandos sem professora. Dessa forma a Secretaria de Educação comunicou que nomearia outra professora somente se houvesse na comunidade uma casa escolar para moradia da professora, para que as longas distâncias não se tornassem

¹⁶ A família Rebelatto, como a Brum, a Dalagassa também são consideradas como pioneiras no bairro, sujeitos das outras famílias antigas inclusive questionam porque o pioneirismo é atribuído somente aos Vêneto.

¹⁷ Não foram encontradas informações referentes aos anos de 1930 e 1931.

empecilhos para a continuidade do trabalho da professora. Em meados de 1933, Pedro Vêneto construiu a casa escolar de madeira, com sala e dependências para moradia da nova professora, já em seu terreno e onde posteriormente se tornaria a antiga sede da Sociedade Operária e Beneficente 15 de Novembro¹⁸ (FOTO 2).



FOTO 2 – PRIMEIRA ESCOLA DO BAIRRO CRAVO
FONTE: HISTÓRIA DA SOCIEDADE OPERÁRIA E BENEFICENTE 15 DE
NOVEMBRO

Um adentro para esta organização que é parte significativa da história das relações com a escola e comunidade.

A Sociedade 15 de Novembro está localizada do lado da Escola Municipal Pedro Vêneto. Atrás da Sociedade se encontra as quadras atuais recém inauguradas da escola e mais ao fundo o Centro Poliesportivo Cravo, centro com quadras de esportes para a comunidade, todos os espaços doados pela família Vêneto. Atualmente a Sociedade está inativa, porém sua fachada permaneceu como memória na nova Biblioteca da escola municipal.

¹⁸ A Sociedade Operária e Beneficente 15 de Novembro foi fundada em 5 de julho de 1933, com a denominação de Sociedade Operária Beneficente e Recreativa Coqueiro. A criação da sociedade inicialmente aconteceu para auxiliar um dos moradores do bairro que ficou sem recursos financeiros devido a problemas de saúde. Um grupo de amigos se organizou para ajudá-lo a arrecadar dinheiro por meio de um baile, o sucesso da iniciativa levou-os a inaugurar a Sociedade com sócios que contribuíam mensalmente e dessa forma tinham direito de frequentar os bailes e direito a auxílio enfermidade e funeral.

De 1934 a aproximadamente 1938, diversas professoras lecionaram alternadamente na casa escolar, mas diversas situações provocaram uma grande rotatividade deixando as crianças sem aulas durante alguns períodos.

No ano de 1938, Pedro Vêneto construiu outra casa escolar, ao lado da Sociedade, mas depois de seis meses ainda não havia chegado nenhuma professora, a casa então foi alugada. Posteriormente a situação de troca de professoras continuou, chegando a ficar sem aulas por dois anos. Somente em 1946 uma nova professora começou a lecionar, numa sala cedida pela família Rebelatto, onde deu aulas até 1954. Esta sala foi reformada com o apoio da comunidade, mas ainda assim o local não era apropriado e aproximadamente em 1957 a comissão pró-construção da Igreja São Sebastião fez uma sala improvisada na própria igreja, assim a escola funcionou provisoriamente na igreja.

Segundo a professora Maria, atualmente com 85 anos, uma das três primeiras professoras da escola¹⁹, dava aulas no 1º ano, e segundo ela tinha estudado até o 4º ano, mas só deu aula três anos na escola, pois saiu pra dar aula de costura (Cesar Lattes) na igreja da vila São Pedro. Era também zeladora e ajudava na limpeza da escola, quando perguntada sobre a localização da escola e sobre o ensino.

A escola sempre foi na Rua Pedro Vêneto...aquele tempo não se fazia faculdade, eu tinha até o 4º ano. Eu vejo diferente o ensino hoje, acho antigamente melhor, primeiro a gente ensinava as letras, tinha que saber as letras, pra depois formar as palavras, até matemática, minha neta não sabia fazer conta de vezes. Minha filha me falou que ela ia reprovar, ensinei a ela o meu método, eu falava 2 x 8, ela falava não sei, aí... eu falei é 8 + 8, imagina duas vez 8, tá faltando... pegou nota boa e passou.

A dificuldade do Estado de enviar as professoras para as escolas de região distante do centro ficou evidente na fala desta professora que lecionou até a década de 50 do século passado.

A primeira escola pública do bairro foi construída somente em 1962, a construção foi feita em madeira e foi inaugurada em 1963. Através do decreto²⁰ do então governador Jayme Canet Junior, a escola foi nomeada Escola

¹⁹ De acordo com D^a Maria que trabalhou na escola na década de 1950.

²⁰ Número do decreto não encontrado.

Estadual Pedro Vêneto. Marcos Vêneto, filho de Pedro Vêneto, relatou em entrevista ao jornal Folha do Coqueiro (1999, p.14) que a Escola recebeu a denominação de Grupo Escolar do Cravo, mas na década de 1970 recebeu o nome de seu pai, devido a doação do terreno para a construção da escola.

A escola funcionou nesta situação pelas próximas três décadas, até que em 1997 através da Fundepar foram construídas salas provisórias no Colégio Estadual Jayme Canet, para o funcionamento da Escola Pedro Vêneto, devido as estruturas precárias da escola. A escola também funcionou provisoriamente, segundo relatos de mães de alunos daquele período, no pátio e em algumas salas cedidas pela Igreja São Sebastião, embora essa informação não conste em documentos.

A Igreja São Sebastião como se mostrou anteriormente faz parte da rede de relações da escola e da história do bairro e das famílias que ali chegavam. As relações de tensão entre espaços das duas instituições sociais específicas do bairro, a Escola Municipal Pedro Vêneto e a Paróquia São Sebastião mostraram-se também no relato do padre da paróquia,

...quantos anos a escola ficou aqui... a escola usou muito aqui, eles puderam usar aqui...só que elas [diretora e vice-diretora], esqueceram que eles usaram aqui....

As duas instituições foram “parceiras” de espaços em tempos diversos, sendo a igreja mais utilizada pela escola do que a escola cedendo espaço para igreja. Segundo o padre, a escola sempre utilizou espaços da igreja em situações ao longo do tempo (eventos, piqueniques), inclusive para dar aulas²¹ e que quando este precisou, em 2013, do espaço da escola para encenar uma peça teatral de final do ano, a Secretaria Municipal de Educação²² não autorizou. A escola utilizava o espaço da igreja para o curso de Guarda-mirim (até a inauguração das novas quadras em 2013). Este exemplo se configura como um dos aspectos desta rede de relações entre os sujeitos das duas instituições.

²¹ Enquanto a escola nova de alvenaria estava sendo construída.

²² Entrevista na Sala da Paróquia São Sebastião em 11/06/14.

Entretanto foi somente no ano de 1999, com a municipalização²³ do ensino que foi construída e inaugurada a escola. A nova instalação da escola, em alvenaria continuou no terreno doado pelos Vêneto, passando a ser nomeada Escola Municipal Pedro Vêneto.

Na sequência, incluem-se algumas falas que foram proferidas durante a inauguração do prédio novo da Escola Municipal Pedro Vêneto em 1999, sendo que as antigas instalações consistiam em uma pequena escola de madeira em um espaço cedido pela Escola Estadual Jayme Cannet, localizada na mesma quadra da Escola Municipal Pedro Vêneto.

Sobre o processo de municipalização do ensino, (Alcyone Saliba²⁴), na época Secretária de Educação do Paraná, se pronunciou:

Curitiba está na frente quanto à descentralização do ensino público. O regime de colaboração está funcionando bem, pois estamos dividindo as responsabilidades (Alcyone Saliba, 1999)²⁵.

E ainda no mesmo evento o prefeito na época Cassio Taniguchi:

A Escola Municipal Pedro Vêneto é o primeiro exemplo concreto dessa municipalização na cidade. Cada vez mais vamos estreitar os laços com a Secretaria Estadual da Educação (Cássio Taniguchi, 1999)²⁶.

O período da municipalização, final do século XX foi caracterizado pela modernização de gestão, uso de novas tecnologias, arquiteturas mais modernas, eficiência na gestão escolar, elementos apresentados como qualidade da rede municipal de ensino. Esse processo se deu em políticas de Estado que foram marcadas por políticas neoliberais abrindo espaços pra empresas privadas adentrarem nas escolas.

²³ O processo de municipalização do Ensino Fundamental no Paraná a partir de determinantes históricos e da relação Estado/Município teve características de municipalização das séries iniciais e a estadualização das séries finais, a nova LDB 9394/96 e a implantação do FUNDEF (1998) consolidou um capítulo da municipalização.

²⁴ Secretária de Educação do Paraná neste ano (1999), estava no cargo desde o primeiro mandato de Jayme Lerner. Era funcionária do Banco Mundial antes de vir trabalhar no Paraná, saiu em 2002 do cargo.

²⁵ Jornal Folha do Boqueirão.

²⁶ Jornal Folha do Boqueirão.

O que podemos perceber é que tal modelo de gestão racional, burocrática e eficiente não afastou as relações da instituição escolar com a política local, agora podendo ser pensada pela lógica de gestão democrática. As ações e práticas desenvolvidas entre os sujeitos locais e mais especificamente entre os políticos locais podem ser caracterizadas por práticas do tipo clientelistas, não que anteriormente não o fossem, mas ao se implantar a autonomia e a democratização na escola, tal prática torna-se retrógrada frente a possibilidade de se avançar na efetiva gestão democrática.

Tal gestão quando implantada na escola automaticamente tornou-se eficiente e democrática?

Segundo Davies (in Azevedo, 2005) apesar de terem ocorridos mudanças, como a forma como é feito o repasse de verbas entre Estados e Municípios, elementos precisam ser discutidos. Entre eles: como tem sido implementados tal políticas de descentralização e municipalização em determinados Estados?

Para Davies essa discussão precisa ser inserida em um contexto mais amplo, dentro do quadro das políticas governamentais, e faz parte de um projeto que pretende reduzir as despesas públicas, rearticular o clientelismo regional e desmobilizar os movimentos populares. Todos esses fatores contribuíram para a deterioração das escolas públicas, facilitando a expansão da privatização (AZEVEDO, 2005, p.49).

A Escola Municipal Pedro Vêneto segundo relatos de profissionais da educação e da verificação de documentos escolares, foi espaço para oferta de alguns projetos de ordem jurídica privadas, públicas-privadas, públicas e voluntárias. As organizações vão desde projetos vindos de instâncias do Estado, como Secretarias a empresas e Ong's.

Alguns projetos já passaram pela escola, outros em alguns momentos vem e voltam. Os projetos mais contínuos são a Guarda-Mirim relacionada a Secretaria Municipal de Defesa Social e o PROERD da Polícia Militar do Paraná, outro como Agrinho, Amigos da Escola, Justiça se Aprende na Escola, Digitando o Futuro, Projeto Fazendo Escola, Anaconda se apresentam em

alguns momentos. A Risotolândia²⁷, mesmo sendo a empresa que fornece a merenda para a escola, tem um projeto que uma vez por ano leva os educandos em sua chácara. A relação desta empresa com a Rede Municipal de Educação de Curitiba começou na Sociedade 15 de Novembro, ao lado da Escola Municipal Pedro Vêneto, de acordo com relatos dos profissionais de educação da escola, esta começou com as famílias do bairro, por iniciativa do Sr. Marcos Vêneto a fazer risotos para arrecadar dinheiro pra comunidade e da doação do espaço. Esta empresa atualmente é referência na cidade no fornecimento de merenda pra rede municipal de educação como também pra empresas privadas.

Ao que parece, um fio desta rede família-escola-bairro-cidade se ampliou e se consolidou.

Uma das profissionais da escola fala sobre empresas no espaço escolar, *“os espaços da escola não podem ser ocupados por instituições religiosas, empresariais, da comunidade, salvo autorização da Secretaria”*.

Em observações das Atas da APPF da escola, verifica-se que em alguns momentos a escola abriu suas portas para determinadas empresas:

Conforme Ata nº 008/2009, a escola foi procurada por um funcionário das lojas Pernambucanas que ofereceu um show de mágica gratuito para as crianças, porém os alunos levariam para casa cupons com propagandas da loja com devolução para concorrer a um prêmio. O sorteio seria no dia do show. Consta que a proposta foi aprovada. (Anotações em Diário de Campo, 09/09/2014)

Na ata nº 011/2009, a escola recebeu a proposta de uma escritora para realizar oficinas, rodas de conversa sobre literatura, mas solicitou autorização para enviar aos alunos bilhetes de divulgação de seu livro, a proposta consta como aprovada pela escola. (Anotações em Diário de Campo, 09/09/2014)

Uma profissional da educação discorreu que “as empresas têm projetos e que é muito bom”. Mas que a escola situada não se encaixa como escola carente, como exemplo citou a kraft, empresa do ramo alimentício, que

²⁷ Empresa que fornece merenda escolar na rede municipal está na escola há muitos anos. O processo é licitatório, a empresa começou na Sociedade 15 de Novembro no Cravo. O projeto leva os alunos na chácara da empresa que fornece alimentos para a Rede Municipal de Educação.

atua em algumas escola em eventos como a Páscoa fornecendo chocolates e que teria projetos até de reforço escolar. Citou também a Volvo, empresa do ramo industrial de montadoras de veículos, que adota bibliotecas. A escola faz um projeto para instalação de uma biblioteca que a empresa fornece todo o material, inclusive o mobiliário. E ainda:

O da Anaconda são de desenhos e a empresa fornece os papéis que já vem todos timbrados e que antigamente era obrigado, agora é só opção. A Secretaria faz propaganda no portal da Anaconda, mas quando um pai voluntário quis fazer o nosso jardim, pôr mudas diferentes, puxa que bom...a Secretaria não deixa, é propaganda, não podia pôr nenhum cartaz.

3.2 AS REDES DE INTERDEPENDÊNCIAS DA ESCOLA

A lente da atenção pode ser regulada num foco mais amplo ou mais restrito; pode-se concentrar-se naquilo que distingue uma pessoa de todas as demais como uma coisa única; ou naquilo que a vincula às outras, em suas relações com elas e sua dependência delas; e por fim pode enfocar as mudanças e estruturas específicas da rede de relações que ela faz parte. (ELIAS, 1994, p.76).

A Escola Municipal Pedro Vêneto apresenta uma configuração específica na estrutura de relações da escola, com os sujeitos do bairro Cravo e com a família Vêneto. A nomenclatura da escola já se faz carregada de história e discursos organizados dos sujeitos da família Vêneto que estão inscritos em documentos históricos e escolares da instituição escolar.

Dessa forma, pode-se pensar a escola, e também os espaços de seu entorno, um lugar de memórias, de representações sobre/da família Vêneto. Essa representação é construída por meio dos documentos, símbolos do patrono da família em placas, de discursos que atribuem sentidos e legitimam a identidade, pelo imaginário e pela memória da comunidade local, viabilizando sentido e reconhecimento à posição e importância de um grupo superior. Em entrevista ao Jornal Opinião de Curitiba (2009), Manoel Vêneto, ainda como presidente da Câmara Municipal de Curitiba, relatava que:

O saudoso Pedro Vêneto, italiano radicado no Cravo, acerca de 70 anos, dizia que para a formação de uma comunidade sólida se faz necessário respeitar três pilares: **fé, educação e lazer/cultura**. Doamos os terrenos para as construções da igreja São Sebastião e da Escola Municipal Pedro Vêneto. Agora, a construção do ginásio [inaugurado em 2012, o centro poliesportivo Cravo] vai fortalecer esse tripé, beneficiando a comunidade.

Segundo Souza (1997, p. 112), “As cidades passam a conter espaços que traduzem as aspirações da população, de galgar novos escalões sociais. Trata-se, portanto, de um urbanismo de representação, com imagens concretas, visuais e de significado.”, entretanto tais representações são construídas por grupos sociais superiores que estão nas relações de poder em vantagens hierárquicas sobre grupos sociais menos hierarquizados em maioria na comunidade. As representações vão sendo criadas em ligação também com a história de vida dos sujeitos. Na fala de uma mãe e moradora, percebemos que mesmo os filhos estudando na escola, esta instituição pode ou não ser a ligação das representações que foram criadas da “saga” da família com a comunidade.

Moro no Cravo há 16 anos e a relação com a escola foi só na época que meus filhos estudavam lá. Acho que a escola foi boa pros meus filhos e pra comunidade, não sei nada da história da escola...’os Vêneto’ tem os dois lados bons, porque a família se doou pra comunidade.

A escola municipal estruturalmente e simbolicamente perfaz uma trajetória de fatos, ações e relações com a comunidade e a política local formando em alguns aspectos cadeias de ações, como quando os sujeitos escolares escolhem, inseridos em colegiados deliberativos na perspectiva de gestão democrática da escola, utilizar meios pessoais para arrecadar recursos durante os anos, sistematicamente para eventos e comemorações. Tais ações foram entendidas como um dos mecanismos concretos e efetivos das relações entre a escola e a política local.

Os eventos e comemorações mais significativos e que acabam por necessitar de recursos para o caixa da Associação de Pais, Professores e Funcionários (APPF) são: dia da criança, dia do professor ou mesmo recuperar

o caixa zerado da Associação de Pais, Professores e Funcionários (APPF). Tal fato foi constatado em documentos de atas de Conselho Escolar e Associação de Pais, Professores e Funcionários (APPF). A fala de uma profissional da educação evidencia essa relação:

agora, quando eu entrei [na APPF] estava o caixa com R\$7,00 e devolvemos sete mil pra Prefeitura de dinheiro mal utilizado, fomos atrás da família Vêneto, pra ver o que eles podiam ajudar.

A ajuda se concretizou em rifas e Ações entre Amigos²⁸ com doações de objetos por todos da comunidade escolar e jantares na Recanto Verde, espaço de lazer da família Vêneto,

a família doou também a comida e a escola venderia os ingressos, fizemos três jantares em 2009, um em 2010 e em 2011 iam fazer mais um e ele [o vereador Manoel Vêneto] foi cassado...

Segundo as Atas da APPF e do Conselho da escola, somente neste ano de 2014, a escola deverá realizar sete Ações entre Amigos para datas comemorativas como: páscoa, comemoração do aniversário da escola, dia das mães, copa do mundo (itens para a torcida), dia dos pais, dia da criança e natal. Por que a escola se preocupa tanto com essas datas comemorativas? Faz parte da cultura escolar?

As redes de relações da escola não se limitam a espaços e sujeitos da comunidade do seu entorno, nessa configuração específica, mostram-se afetos, interesses, tensões e um certo grau de configuração entre estabelecidos representados pelos políticos locais e de *outsiders* representado pela instituição escolar e seus sujeitos. A posição destes sujeitos estabelecidos se encontram quase sempre superiores aos sujeitos da escola, somente a partir de 2012 com a visibilidade política afetada do ex-vereador Vêneto é que evidenciou-se um afastamento de tal político do espaço escolar, entretanto outros sujeitos políticos tem adentrado na escola pesquisada e na comunidade.

²⁸ Nomenclatura atual para os antigos bingos, que institucionalmente são ilegais e tratados como jogos de azar.

...não dá pra falar, Vêneto foi uma decepção, tem esse Jeferson [vereador em exercício na Câmara Municipal de Curitiba], não sei ainda, só sei que ele é forte da comunidade, acho que é da igreja [igreja São Sebastião].

Fala de uma mãe quando perguntada sobre as famílias históricas do bairro. O vereador Jeferson já pôde ser visto em eventos na escola municipal pesquisada quando da averiguação das fotos em álbum da escola. Na foto o vereador está numa mesma posição de destaque que outrora foi a do vereador Manoel Vêneto com seu pai Marcos Vêneto [o Sr. Marcos se sentava na mesa dos convidados, porque é patrono da guarda-mirim da escola] e estes se sentavam no momento da incorporação dos educandos quando do ingresso ao curso da guarda-mirim da escola.

No aspecto dinâmico dos profissionais da educação em suas funções determinadas e limites, uma profissional da educação com cargo mais hierárquico poderá ir mais “fundo” nesta relação subalternizada ou não e a antiguidade do cargo na escola e na comunidade, na rede, o conhecimento dos sujeitos escolares e das instituições e organizações ao seu redor faz esses elementos se tornarem estruturantes na relação. Entretanto encontram-se profissionais da educação que não considerem esta relação adequada e criticam a forma como os políticos querem visibilidade mediada pela escola, como na fala a seguir:

eles faziam risoto lá na Recanto Verde, eles tinham esse costume de práticas, essa relação..., as escolas da regional do Coqueiro. Aqui essa relação era mais forte, pela relação histórica...[o profissional falava para todos escutarem na sala dos professores e gesticulava]

Mesmo nos cursos de Educação Permanente oferecidos durante o turno noturno, observou-se que os sujeitos que ministram os cursos utilizam de alguma maneira a relação com o político Vêneto. Os troféus ganhos em olimpíadas de futsal que ficam expostos no pátio da entrada das salas dos alunos, com exceção dos últimos dois anos²⁹, vem gravada a velha frase “Apoio Vereador Vêneto”.

²⁹ Pelas falas das profissionais de educação e em documentos escolares (atas) observou-se que houve um afastamento de pedidos e doações de espaços como a Recanto Verde a partir de 2011 (ano da perda de mandato do político Vêneto).

A Escola Municipal Pedro Vêneto mostrou-se inicialmente³⁰ ligada à necessidade de uma escola no bairro Cravo. Esta necessidade ligava-se a dificuldade de se chegar a escola mais próxima que localizava-se em outro bairro. Por parte do Estado a Secretaria de Educação na época, precisaria de uma moradia para a professora, projeto esse iniciado pelo patriarca da família Vêneto. A família doa o terreno da escola e posteriormente outros espaços físicos no entorno da escola como: a Igreja São Sebastião, o bosque ao lado da igreja, a Sociedade 15 de Novembro, um clube de futebol extinto onde atualmente é localizado o Centro Poliesportivo do Cravo e o terreno da Escola Municipal Teresa Matsumoto, também no mesmo bairro. Estes espaços interagiram com a escola fisicamente, como a utilização de sala e salão da igreja para ministrar aulas e festas, curso de guarda-mirim e eventos escolares.

Simbolicamente, a interação também acontece através de histórias que são relatadas pelas crianças da escola sobre o bosque mal assombrado e sobre a Sociedade 15 de Novembro que ficou décadas fechada. Este espaço foi incendiado, demolido e atualmente seu portal ficou como memória do bairro, dando lugar à quadra coberta da escola municipal e a biblioteca da escola. Nesse sentido, o uso dos espaços de acordo com Frago,

O território e o lugar são, pois, duas realidades individuais e grupalmente construídas. São, tanto num quanto no outro caso, uma construção social. Resulta disso que o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam. O espaço comunica; mostra, a quem sabe ler, o emprego que o ser humano faz dele mesmo. (FRAGO, 2001, p. 64)

A escola municipal pesquisada apresenta não somente vínculos históricos com a formação do bairro e com a família Vêneto que iniciou o processo de consolidação da instituição escolar, mas adquiriu reconhecimento, afetos e prestígio junto aos sujeitos do bairro e as instituições sociais (igrejas e outras escolas da região). Tais elementos pesquisados dessa relação material e simbólica da escola podem ser considerados como redes de interdependências.

³⁰ Início do século XX.

3.3 CLIENTELISMO³¹ E PATRIMONIALISMO³²

A escola, enquanto instituição que faz parte de uma dada sociedade, não fica imune às práticas e mentalidades dessa sociedade. (AZEVEDO, 2005, p. 53).

Uma categoria identificada que mostrou-se problematizadora neste estudo sobre as relações da Escola Municipal Pedro Vêneto e a política local foram as práticas do tipo clientelistas, que “aparentemente” não se mostraram como troca de favores diretos, mas que se apresentaram em ações e situações que a instituição escolar se vê num jogo de forças das práticas que os sujeitos da política local utilizam no espaço de “seu reduto” político.

Os legisladores adentram nas escolas não com a finalidade de esclarecerem ou ouvirem os profissionais da educação da escola em suas necessidades e do educando de sua comunidade, mas perpetuam uma estrutura arcaica da política brasileira, com doações e visibilidade em eventos. Os entrevistados relataram também que em outras épocas os políticos adentravam mais nas escolas, que em épocas de eleição distribuíam santinhos dentro das escolas, na porta da escola quando os pais vinham pegar seus filhos. Atualmente essa prática é proibida pelas instâncias do Estado e Secretarias de Educação.

Para entendermos sobre esta temática, recorreremos a alguns estudos que focaram em algumas das categorias apresentadas pela pesquisa. Na formação de famílias históricas dominantes no Paraná e localmente em Curitiba, recorreremos a abordagem da sociologia política em Oliveira (2001). O autor analisou as relações entre estruturas de poder e estrutura de parentesco no Paraná fornecendo uma análise minuciosa das famílias históricas paranaenses, estas são marcadas pela posse fundiária e por estar no centro do poder político. Esta relação do poder político e das estruturas de parentesco é

³¹ Clientelismo: “entendemos o clientelismo como aquele mecanismo de controle político baseado em práticas que articulam a relação entre o político e o eleitor através da troca de “ajudas” e “favores” por voto e apoio político” (LENARDÃO, 2009, p. 1)

³² Patrimonialismo para Weber e segundo Piccoli (2008) refere-se à dominação na qual o espaço público é despojado, uma vez que este é apropriado como esfera privada pelo senhor. O “superior é determinado segundo regras tradicionais e a obediência não ocorre em função de regras ou normas estatuídas, mas pela pessoa indicada pela tradição” (PERES, 2009, p.14).

definida, segundo Oliveira pela transmissão e reprodução do poder e dos complexos patrimoniais sociais, econômicos, políticos como culturais da classe dominante, para o autor esta classe sempre procura estar no lócus do poder político, sempre que possível.

O eixo unificador de uma problemática política no Brasil passa pela reflexão de como é possível a permanência e a preservação de elementos importantes de uma arcaica estrutura social que sobrevive e se adapta aos novos desafios e às grandes mudanças que a sociedade nacional viveu nas últimas décadas e nos últimos séculos....”(2001, p.15), segundo Oliveira mecanismos sociais de permanência de estruturas arcaicas, práticas sociais, como também estilos de exclusão, são viabilizados por meio de um complexo conjunto de estruturas familiares conectadas ao poder político, aos privilégios e ao controle de várias modalidades de patrimônios e capitais sociais (idem..) e estas unidades complexas são constituídas pelas unidades sócio-políticas de parentesco que são as famílias históricas. (OLIVEIRA, 2001, p. 15)

No estudo de Perez (2009), a autora tem por objetivo compreender a dimensão política da função/cargo do diretor de escola e a articulação com a Secretaria Municipal de Educação de um município em São Paulo, para isso a autora fez um estudo sobre o sistema patrimonial presente no Brasil, desde a colonização.

A autora procurou entender a herança patrimonialista lusitana que está presente até os dias atuais em instituições escolares, conclui que o cargo de diretor, contribui pra essa prática, pois está inserido em uma função hierarquizadora e numa cultura que carrega com ele ranços de patrimonialismo e clientelismo. Existe uma cultura centralizadora de poder que recai sobre o diretor todas as responsabilidades da escola. Para a autora, a própria estrutura administrativa escolar coloca o diretor no topo da hierarquia, este compreendido como ator principal no processo de gestão democrática. Entretanto percebeu-se na escola pesquisada que outros profissionais da educação, não só o cargo de direção, e outros sujeitos escolares que fazem parte das instâncias deliberativas da escola dividem esta percepção e legitimam tais ações.

Conforme convite registrado no livro de avisos da escola, observou-se a aceitação dos profissionais da educação quanto a esse cenário benevolente apresentado pelos políticos locais:

Aviso sobre um convite para confraternização do dia dos professores. Foi um churrasco no comitê do vereador Carlos Silveira, a maioria dos professores participou, assinaram o livro confirmando presença. (Diário de Campo sobre o Aviso n 12/2002)

Lenardão (2006) investigou as razões de práticas políticas do tipo clientelista entre setores populares no Brasil contemporâneo. Este autor demonstra uma subcultura política particular baseada na valorização das relações pessoais, tendo como estudo de caso, o fato ocorrido com os Belinatti [caso na política londrina de um grupo familiar tradicional que foi suspeito de corrupção na Casa Legislativa]. Para o autor (2006, p. 79) ao analisar as razões de permanência de práticas do tipo clientelista, diz que “É uma tentativa de compreender o clientelismo como relação social, antes de tudo.” Essa relação produz expectativas de reciprocidade entre os envolvidos.

Nas relações entre a escola e o político local pode-se perceber alguns fatores que demonstram o porquê da permanência de práticas do tipo clientelista entre a comunidade escolar e a política local, hoje representada por diferentes políticos conforme os relatos a seguir, mas anteriormente representada pela família Vêneto. Relato de uma profissional da escola quando perguntada sobre políticos na escola:

Agora quem vem mais é o Jeferson Pereira que é porque a gente precisa e troca de favores, infelizmente, falar deles tem também o Carlos Silveira, o Mendonça, o Cabral eles não vem aqui, a gente é que corre atrás, são os políticos que acolhem, agora depois que o Vêneto saiu, como liberação do portão [provavelmente é sobre ter uma saída da escola na rua sem saída que fica atrás, pois a rua Pedro Vêneto é a principal do bairro e muito movimentada], se a gente não tiver uma força política a gente não consegue, eles ajudam na Ação entre Amigos, sempre mandam pra gente, mas eles também procuram a gente

Segundo Lenardão, o clientelismo não deve ser reduzido apenas ao aspecto da compra de votos. “A ‘mediação pessoal’ é um elemento indispensável ao clientelismo. Provavelmente, junto com o ‘sistema de favores e ajudas’, é o que o define mesmo”. (Lenardão, 2006, p. 128-129). A mediação realizada pelo próprio político pode também se dar por meio do cabo, agente

eleitoral ou secretária do político. A “ligação pessoal” do político com a escola acontecia também por meio da mediação entre sua secretária, conforme relato da profissional da escola,

Em épocas atrás... não sei porque o Manoel estava sempre aqui, nós tínhamos até o diskVal³³, tinha o diskVal, o disknúcleo e o disksecretaria.

Para atender as demandas da escola, muitas vezes, os profissionais desta recorrem a “ajudas” e “favores” do político local, situação que provoca o desencadeamento de práticas do tipo clientelista, onde o político ao atender as solicitações da escola, constrói ou mantém de certa maneira sua clientela. Dessa forma a escola “carente de poder” e de ajuda busca auxílio no político local, para atender a certas demandas, realizar certos projetos, quando não consegue, por exemplo, guardas municipais, conforme relato de uma profissional da educação,

...eu vou puxar pra onde, uma época tiraram os guardas daqui, aí conseguimos ...com força política tem guarda, teve um pai que conseguiu pra gente, acho que ele trabalhava para um político, só sei que na mesma semana ele conseguiu.

Assim, verifica-se que a escola fica como que “dependente” desses “políticos protetores”, e pergunta-se: isso faz parte da cultura da escola? Por que não consegue pelas “vias normais” aquilo que a escola precisa para atender suas necessidades? As verbas e recursos provenientes do Estado não atendem tais necessidades?

Conforme o relato de uma das profissionais da escola sobre as más condições estruturais da biblioteca,

Está tudo muito lindo, mas tudo feito rápido pro Ducci se eleger...rachaduras, infiltrações...o que me revolta é o silêncio da Secretaria de Educação, sabe mas fica isenta, não quer saber...A comunidade não usa a biblioteca, se quiser conhecer pode, não tem computador, era pra ter, não foi fiação adequada, quando chove sai água das tomadas, estão tentando fazer um esforço de por um computador pra professora que fica na biblioteca...é uma burocracia pra Secretaria de Educação...

³³ Valdirene Vêneto, secretária de Manoel Vêneto no escritório político do bairro.

Essa “dependência” seria geradora de uma cultura política particular, baseada principalmente na valorização das relações pessoais, empurrando a escola e demais envolvidos (comunidade) para a entrada em vínculos de clientela? Em que o político pode garantir sua sobrevivência eleitoral e seu poder político local, naturalizando as práticas de “favores”, “ajudas”. Dessa forma o político torna-se o mediador entre as necessidades da escola e as decisões que podem atendê-las. Para que esse tipo de relação aconteça,

[...] é essencial o papel do político enquanto mediador entre as demandas e as decisões capazes de atendê-las. Os mecanismos impessoais e universalistas de canalização e processamento de demandas cedem lugar a vínculos de cunho pessoal entre líderes e sua rede de indivíduos ou grupo subordinados. [...] Essa mediação como que privatiza a obtenção de um bem público, na medida em que o patrocínio de um político influente aparece como requisito necessário para o acesso a serviços públicos fornecidos pelo Estado ou para solução de questões específicas. (DINIZ, 1982, p.217).

Observou-se que a política local permeia as instituições escolares. Segundo Lenardão (2006) no estudo sobre as razões de práticas políticas do tipo clientelistas e comportamento político entre setores das classes populares no Brasil na década de 1990, a partir de um estudo de caso em Londrina, constatou que no caso de clientelismo investigado a necessidade de

reconhecimento encontra certa satisfação não no acesso a “direitos” mas sim na oferta de “ajudas”, “atenção”, “carinho” e “amizade” que o político clientelista oferece. O que demonstra que, em algumas configurações sociais, práticas, valores e representações baseadas nas relações pessoais e com marcado traço intimista e afetivo (próprias à esfera da vida privada), chegam a ser os elementos mais relevantes da atividade política de setores das classes populares. (LENARDÃO, 2006, p. 164).

Isso gera distância de valores e procedimentos de caráter impessoal e universal e foge, em muitas ocasiões, de uma lógica racional, legal e burocrática.

Nesse sentido, a instituição escolar pesquisada apresenta algumas características destas configurações relacionas. Ao que parece, a força da rede

de relações é maior que a função e a hierarquia que um profissional pode ocupar na escola:

‘A Escola Pedro Vêneto é uma referência pro bairro e é muito boa, fala de um pai reconhecendo a escola e ao mesmo tempo subalternizando a figura do político Vêneto no bairro, ‘nunca fizeram nada pro bairro, em 30 anos que moro aqui, só vi ele aparecer uma vez para inaugurar uma praça’ e perguntado sobre a presença deste político na escola, respondeu: ‘na escola ele vai é claro, lá tem mais voto, aqui nos bairros, nas ruas não tem ninguém, ele não aparece...’

A fala abaixo de uma profissional da educação quando perguntada por que acha que eles (os políticos) procuram a escola ou vice-versa, pode também comprovar o que o pai disse na fala anterior. A profissional disse que

a direção da escola tem uma opinião forte com os pais, que é igual ao interior, os pais ficam sabendo...há o fulano vai ajudar a escola? Antes das eleições tem muitas mães que perguntam qual o governador que é melhor pra vocês? Vocês vão votar em quem?...

No estudo de Azevedo (2005) a autora procurou identificar em um estudo sobre o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro em que o mantenedor é o governo federal e o estabelecimento é considerado “padrão” no Brasil, as razões que explicam porque as escolas públicas, apesar das vinculações de recursos (Constituição de 1988 e LDB de 1996) continuam a apresentar uma série de carências e de dificuldades. Ao investigar tal situação, a autora percebeu como propostas neoliberais e posturas clientelistas se encontram e se cristalizam no espaço escolar, contribuindo na manutenção dessas carências e dificultando o desenvolvimento do ensino.

A autora discorre que muitas instituições escolares tem a gestão extremamente centralizadora e autoritária, que administra a instituição pública através de práticas pessoais e clientelistas. A escolha deste estabelecimento escolar para o estudo de Azevedo foi porque a escola revela traços patrimonialistas e liberais presentes na cultura do país.

A Escola Municipal Pedro Vêneto apresentou em certos aspectos que evidenciaram uma perspectiva patrimonialista em situações pontuais na gestão da escola, como quando uma profissional da educação foi advertida e transferido seu RIT da escola, somente por questionar o nome da biblioteca “Alcides Munhoz” que seria inaugurada numa reunião com pais presentes:

Acho que a ‘tal’ [referindo-se a profissional que estava na reunião] falou que era amigo do Vêneto, uma coisa assim...mas que ele fez parte da Academia de Letras do Paraná, questionei então esse nome e disse porque tem que ter o nome do amigo do Vêneto, porque as crianças não escolhem o nome da biblioteca...só sei que no outro dia fui chamada na sala e tive que assinar ata de advertência...volta e meia me chamava pra dar bronca...na inauguração da biblioteca convidou algumas professoras, nem todas [risadas], acho que o Vêneto veio [Sr. Marcos].

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos neste estudo, identificar na realidade social de um bairro (instituições, sujeitos, cultura...) a posição concreta e simbólica que uma escola municipal se encontra no contexto deste espaço. A escola é percebida como ponto de referência da comunidade local e também como ponto de expansão e desenvolvimento da comunidade, como é inscrito em Diretrizes Curriculares para as etapas fundamentais de ensino.

As relações que a instituição escolar estabelece com a comunidade de seu entorno, com um espaço social que não é nada harmonioso, ao contrário é carregado de histórias, simbolismos, experiências coletivas e subjetivas dos seus sujeitos, são representativas de uma cultura que a escola estabelece com a comunidade. A Escola Municipal Pedro Vêneto, escola pesquisada neste estudo, como já foi dito, possui vínculos históricos com a formação do bairro e com a história da família Vêneto. Tais relações mostradas não apareceram do nada, mas de um processo de construção material, afetivo e discursivo que se manteve e que, acreditamos que está inscrito na cultura da escola e que ainda precisaria de estudos e pesquisas mais aprofundadas a partir desta abordagem sócio-cultural. Chegamos talvez a uma cultura da escola pesquisada, de práticas políticas do tipo clientelistas que se consolidaram ao longo do tempo e que pode apontar ou não, generalidades com outras instituições escolares.

Em diálogos informais com outras profissionais da educação de diferentes instituições escolares, municipais e estaduais de Curitiba e região metropolitana, revelaram que as escolas com seus representantes legais, mantêm prática de troca de favores, uso do espaço e da função pública com políticos locais, e mais especificamente com tais sujeitos, emprestando ônibus para passeios e conseguindo vagas em creches municipais. Estes dados parecem indicar a fertilidade de se continuar estudando na direção do que aqui foi proposto e expandindo a pesquisa para outras escolas como estas mencionadas acima.

O estudo se propôs a identificar tais relações da escola municipal com a história da família Vêneto e considerou-se que a Escola Municipal Pedro

Vêneto se estabeleceu no bairro Cravo, na cidade de Curitiba por meio de um projeto de política de educação do Estado e também por meio de um projeto local por membros da família Vêneto que foi representado pelos três pilares simbólicos e concretos que tais sujeitos propuseram para a comunidade: fé, educação e lazer – Igreja São Sebastião, Escola Municipal Pedro Vêneto e Centro Poliesportivo Cravo.

Neste sentido, a pesquisa encontrou pistas que parecem confirmar a hipótese de que as práticas clientelistas contidas nas redes de interdependências escola-bairro, realmente contribuem para ir contra as políticas de democratização da gestão na escola, naturalizando, ampliando e mesmo ensinando a familiares e comunidade uma visão clientelista das instituições sociais e da política brasileira.

Para Elias (1994), quando usamos o termo “todo” para falar sobre as relações humanas, sobre a sociedade, estamos especificando algo mais ou menos harmonioso, no entanto a vida social dos indivíduos é carregada de contradições e tensões. Segundo o autor (1994, p. 35), “[...] Essa ligação origina um sistema de tensões para o qual cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede.” A rede de interdependências da escola pesquisada apresenta todos estes aspectos, inclusive nas funções interdependentes dos indivíduos desta rede específica, como exemplo, professor, diretor, político local, onde todas estas funções estão relacionadas umas as outras e estão ligadas por laços visíveis e invisíveis.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Denise Sayde de. **As vicissitudes da escola pública decorrentes do neoliberalismo e do clientelismo**. 219 p. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

CARVALHO, Marília Pinto; TEIXEIRA, Rita Amélia; ZAGO, Nadir (orgs). **Itinerários de Pesquisa: Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

CRUZ, Magna Mattos. **Xaxim: história, fronteiras e famílias**. 34 p. Monografia - Pós-Graduação em Ciência Política, IBPEX, Curitiba, 2003.

CURITIBA EM DADOS. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Tradução: Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Edições 70, 2008.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GALEANO, Eduardo H. **Espelhos**. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

LUDKE. Menga e ANDRÉ, Marly E.D.A. **Abordagens qualitativas de pesquisa**. In: LUDKE e ANDRÉ. Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986, p 11-45.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de Pesquisa: uma introdução**. 2 ed. São Paulo: EDUC, 2011.

LENARDÃO, Elcio. **O Clientelismo Político no Brasil Contemporâneo: Algumas razões de sua sobrevivência**. 196 p. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Sociologia, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, Araraquara, 2006.

_____. **O clientelismo político como estratégia de busca por reconhecimento**. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2009, Rio de Janeiro.

MARTINS, Romário. **A História do Paraná**. Curitiba: Editora Guairá Ltda, 1995.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e estado do Paraná**. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.

PARO, Vitor Henrique. **Por dentro da Escola Pública**. São Paulo: Xamã, 1995.

PEREIRA, Luís. **A escola numa área metropolitana: crise e racionalização de uma empresa pública de serviços**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1976.

PERES, Ana Paula Franzini. **Análise da atuação dos diretores de escola na perspectiva do patrimonialismo**. 161 p. Dissertação (Mestrado) Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? **Educar em Revista**. Curitiba, Editora da UFPR, n. 18, 2001, p. 13-28.

RANZI, Serlei Maria Fischer. Memória e História das Disciplinas Escolares: possibilidades de uma aproximação. In BENCOSTTA, Marcus Levy. (Org). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**. São Paulo, Cortez Editora, 2007, p.322-354.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.